“Escrevivência” de um Cartografando Resistência Saberes e Afetos

“Feridas/os naquele espaço onde conheceríamos o amor, as/os negras/os coletivamente experimentaram uma dor viva e angústia sobre o nosso futuro. A ausência de espaços públicos onde essa dor pudesse ser articulada, expressa, compartilhada, significou que ela foi mantida infiltrada, suprimindo a possibilidade de que esse sofrimento coletivo fosse reconciliado em comunidade, até mesmo como maneira de ir além de tal sofrimento e continuar vislumbrando a luta de resistência”.
(bell hooks – O amor como prática de liberdade)

Fui convidada pela Diretoria da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as a dar um feedback sobre o *Cartografando Resistências: Sobre Saberes e Afetos em Goiás,* evento o qual tive a felicidade de participar. Ele teve sua primeira edição e foi promovido pela mesma no dia 24 de junho no Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão - LPEQI, Núcleo de Pesquisas e Ensino em Ciências (NUPEC), atual sede da ABPN, localizada na Alameda Palmeiras, s/nº Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás – Goiânia, com o intuito de conhecer, aproximar e criar redes de solidariedades entre xs pesquisadorxs e a ABPN. A oportunidade de participação na Mesa Redonda “*ABPN Goiás sobre o estado da arte: fala direcionada sobre as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas por cada um dos NEABs e grupos correlatos”* em nome do Coletivo Rosa Parks me propiciou vivenciar uma emersão em sentimentos que me atravessaram de modo empoderador e para falar sobre, tenho como ponto de partida a proposta de “Escrevivências” daquela que é uma das minhas maiores inspirações; a Conceição Evaristo. Farei aqui o exercício de registrar as minhas impressões e e memórias sobre o evento.

Para tal, embasarei a minha escrevivência na citação epigrafada da bell hooks, pois, acredito também, da mesma maneira que ela que, se nossas lutas reivindicam pautas emancipatórias, libertação e autonomia do nosso povo, não podemos deixar o amor de fora dessa arena já que sempre fomos e somos testados em nossas capacidades de amar desde o momento que a nossa humanidade foi e é negada.

E o que foi o Cartografando Resistência? Bem, diante das percepções sensíveis não só do meu coração e alma, mas também dos meus olhos - o que vi, dos meus ouvidos - o que ouvi, pondero que este evento foi uma possibilidade não só de pensarmos sobre o amor que para e entre nós ainda é uma conquista diária, mas de vivê-lo. Pude ver que,

temos tanta sede, fome e desejo de amor que não recusamos nem uma porção que cada pessoa presente pode ofertar para o banquete e afetos que saciou a sede, fome e desejo de todxs nós ali presentes.

Um dos momentos mais poderosos foi ter a certeza que o amor tem lugar em nossas lutas e que podemos nos amar em coletividade mesmo na diversidade. Mas, precisamos perder o medo de amar já que amar é uma virtude humana e se o amor individual-privado e coletivo-público em nossas vidas são percebidos como algo a nos envergonhar ou algo a não ser explicitado, isso indica que ainda não superamos as mazelas da colonização cujo objetivo principal foi e é negar a nossa condição se seres humanos: seres que ama sem se sentires fracos e piegas simplesmente porque amam.

Já que nesse evento à mim foi comprovado que o amor se configura em um instrumento concreto de libertação e de luta, então é o amor que eu quero encontrar em todas/os as/os irmãs/ãos, mães, pais, avós, avôs, bisas e bisos nesse nosso movimento, para que a dominação de nossos corpos, mentes e almas seja algo que possa desvanecer com o aurora dos dias vindouros ao horizonte que meus olhos poderão alcançar. Para isso, precisamos também ser generoso conosco e com xs outrxs que lutam conosco, mesmo quando erramos, pois, para nós, amar significa compreendermos as armadilhas e iscas que nos jogam e quando cairmos ou mordemos, nossas forças são sugadas como o néctar das flores e a nossa libertação continua sendo um sonho.

Nesse dia testemunhei todas as minhas e os meus empenhados e desejosos pela mudança, pelo amor e compartilha de afeto. Antes do evento, nunca havia recebido olhares tão confortantes e singelos de pessoas com quem convivi mais de quatro anos e isso foi um presente tão caro que só posso guardar mesmo na memória e no coração que ainda me parecem ser os lugares mais seguros.

Não deu para ignorar os sorrisos fáceis e faceiros que a mim foram sonoramente ofertados nessa manhã, tardes e noite que me remeteram à minha infância onde sorrir parecia à toa, mas com pureza, a própria expressão do amor. Agora que pude ver e viver o amor entre nós, acredito que demos alguns passos para frente porque podemos expressar o nosso amor publicamente e sem vergonha de compartilharmos afetos e de sermos bregas ou fracassados porque choramos, falamos e fizemos declarações de amor umas às outras e uns aos outros.

O nosso passado histórico nos faz ter essa falsa idéia de que, se expressarmos os sentimentos de nossas almas e coração nos tornamos uns fracassados, mas, o momento presente e a nossa sobrevivência diz que para continuarmos vivos, precisamos liberar as nossas emoções e nos amarmos plenamente. Sendo assim, o passado que nos condena, é o mesmo que nos quer preso eternamente na condição de não-ser humano, já o presente que saboreamos e que já é um passado recente, nos desafia. É o que nos posicionará no lugar do ser humano. O que ouvi de todxs ali, foi um esforço em busca de novos horizontes onde nossos olhos possam se levantar sem que os raios refletidos pelo espelho infiel e traiçoeiro cujo nossos corpos não são refletidos, não nos atingem mais.

As ponderações finais que faço, é que por carência de espaço público onde possamos expressarmos e vivenciarmos o nosso amor sem que a nossa suposta condição de possas mais fortes de mundo seja questionada, o "Cartografando Resistência", se transformou em um momento em que as pessoas que estavam presentes puderam chorar, ou seja, viver a sua humanidade. Mas, apesar dos momentos intensos e poderosos que vivemos e que marcou a vida de todos nós, ainda temos muito a fazer entre nós, e fortalecer as nossas redes de afetos porque ainda precisamos ***"incomodar os seus sonos injustos" como disse a Conceição Evaristo.***

Antonilde Rosa: graduanda do curso de Bacharelado em Canto pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq 2014-2015, com o projeto entitulado: Considerações sobre o impacto do stress e ansiedade na performance vocal de cantoras, sob orientação da professora Dra. Sonia Ray. É pesquisadora do LaGENTE - Laboratório de Estudo de Gênero Etnico-Raciais e Espacialidades - IESA/UFG. Foi também aluna da Universidade Federal do Maranhão- UFMA, onde foi bolsista pelo programa de Extensão e Pesquisa Conexão de Saberes/Escola Aberta. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro- Brasileiros - NEAB/UFMA onde Estagiou/pesquisou no projeto: Diagnóstico de saúde da população quilombola sob a orientação do professor Dr. Carlos Benedito Rodrigues da Silva, financiado pelo Ministério da Saúde.